



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO - UFRJ / IPUB



CUIDADO EM SAÚDE MENTAL PARA MULHERES

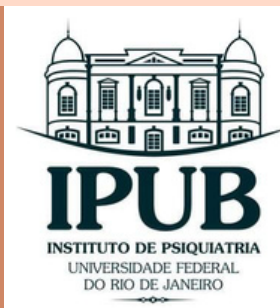
RECOMENDAÇÕES PARA
PROFISSIONAIS DE SAÚDE

2023





UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO - UFRJ / IPUB



Esta cartilha é fruto de pesquisa de Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IPUB/UFRJ, realizada em 2023, pela psicóloga Dominique Yonarê Peçanha Lenz sob a orientação da Prof. Dra. Nuria Malajovich



SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. APRESENTAÇÃO..... | 4 |
| 2. FEMINISMO PRA QUÊ?..... | 6 |
| 3. CUIDADO EM SAÚDE MENTAL PARA MULHERES..... | 9 |
| 4. PARA UM CUIDADO SENSÍVEL A PERSPECTIVA DE GÊNERO..... | 10 |
| 5. REFLEXÕES SOBRE O FEMININO..... | 12 |





Nesta cartilha apresentamos uma experiência de cuidado do ponto de vista de profissionais de saúde do gênero feminino que atuam em grupos de compartilhamento e troca de experiências para mulheres em um ambulatório de saúde mental.

Ao identificar os processos de trabalho e a visão das profissionais de saúde sobre o sofrimento psíquico das mulheres, acreditamos contribuir para a reflexão crítica em relação às práticas de cuidado no campo da atenção psicossocial.



Esta cartilha destina-se a todas as pessoas interessadas no cuidado das mulheres.

Apontamos alguns caminhos que podem contribuir para o letramento de gênero, delineando possibilidades para o enfrentamento do mal-estar derivado da desigualdade de poder em nossa sociedade.

Reinventar formas de estar na vida e na cultura implica um fazer ativo e disposto a romper com a forma como o sofrimento psíquico se entrelaça com determinantes sociais e suas intersecções.

Ampliar a escuta pode facilitar o acesso a serviços de saúde mental e proporcionar um cuidado sensível às mulheres.

FEMINISMO PARA QUÊ?

Os estudos feministas apontam que o contexto histórico determina o lugar social atribuído às mulheres.

A opressão de gênero produz sofrimento e vulnerabilidade e se atualiza nas mais variadas culturas.

A narrativa sobre as mulheres repercute subjetivamente sobre suas relações com o corpo físico e social.

FEMINISMO PARA QUÊ?

Variáveis como gênero, raça e classe determinam o grau de vulnerabilidade social e de exposição à violência, podendo dificultar o acesso aos serviços de saúde.

Essas variáveis se entrecruzam e se articulam com diferentes experiências de sofrimento no âmbito do universo feminino.

FEMINISMO PARA QUÊ?

Não é possível encontrar uma categoria que universalize as mulheres.

A localização social de uma mulher negra traz marcadores diferentes daqueles que localizam uma mulher branca.

A experiência de gênero precisa ser incluída na elaboração das estratégias de cuidado.

A produção de saber por parte de grupos historicamente discriminados combate o silenciamento e faz surgir espaços de potência que podem reconfigurar o mundo a partir de outros olhares e geografias.

CUIDADO EM SAÚDE MENTAL PARA MULHERES

Atuar no cuidado em saúde mental para mulheres exige uma perspectiva sensível que articule gênero, raça e contexto social.



ILUSTRAÇÃO: SARA WONG

A PRÁTICA ANTIRRACISTA É CONDIÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO CUIDADO, QUE DEVE SE ALIAR À LUTA POR JUSTIÇA E RESPEITO À DIFERENÇA.

UM CUIDADO SENSÍVEL À PERSPECTIVA DE GÊNERO

A não padronização do sofrimento implica em resgatar a diversidade existencial de cada sujeito.

Dessa maneira, o cuidado em saúde mental contribui para romper estigmas, silenciamentos e opressões.

O cuidado pensado por mulheres para outras mulheres pode ser uma alternativa potente de construção de modos inventivos de enfrentar as desigualdades de gênero, a partir do reconhecimento do modo como impactam a forma de experienciar o sofrimento.

A experiência feminina é plural, diversa e complexa. Por isso é importante que haja uma perspectiva sensível e uma possibilidade de diálogo entre as gerações, uma vez a pesquisa aponta que há um contraste geracional no modo em que as mulheres entendem e vivenciam seu contexto.

UM CUIDADO SENSÍVEL À PERSPECTIVA DE GÊNERO

A coletivização da experiência de ser mulher ajuda a viabilizar a fala, fazendo com que as mulheres encontrem apoio para autorizar-se a expor sofrimentos e descobrir regularidades que põem suas vivências em continuidade com as de outras mulheres.

Uma vez partilhado, o sofrimento pode ganhar outros contornos, destinos e narrativas.

REFLEXÕES SOBRE O FEMININO

O debate sobre gênero costuma ficar restrito a um tipo de mulher, a mulher cis branca heterossexual.

É fundamental ampliar as referências e fomentar a inclusão de diferentes vivências e existências, realizando um cuidado inclusivo, respeitoso e sensível.

Despojar-se de padronizações ajuda a romper as opressões que silenciam e segregam.



ATUAR CONTRA A PRODUÇÃO DE SOFRIMENTO EXIGE UM AMPLO MOVIMENTO DE DESCONSTRUÇÃO SOCIAL E DE REOCUPAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS!

MULHERES SÃO SEMPRE DIVERSAS!

Referências bibliográficas:

AMBRA, P. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. artigo originalmente publicado em Sig Revista de Psicanálise, n. 14, maio de 2020.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, p. 223-244, Anpocs, 1984,

KEHL, M. R. Deslocamentos do Feminino. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. 1 Ed. Rio de Janeiro: Cabogó, 2019

HISSA, J. SILVA, J. MARTINS, A. Epistemicídio feminino e consolidação capitalista: para além da caça às bruxas. Coleção decolonização e psicanálise, volume: a psicanálise em elipse decolonial. 2a ed, São Paulo, 2022.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala?/Djamila Ribeiro. -- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

ZANELLO, V. Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

